

Antivisão do mundo bicho

Talvez possamos começar essa conversa pelo avesso, a partir de formas que percebem o mundo com outras luzes. A visão dos répteis, por exemplo, opera em outras frequências. Muitos lagartos possuem retinas com quatro tipos de cones, sensíveis inclusive ao ultravioleta, percebendo variações de luz que nos escapam. Seu olhar não busca forma, mas diferença. Entre as cobras, há espécies com dois tipos principais de cones — ultravioleta e de onda longa — e outras que combinam a visão com sensores térmicos e químicos, compondo um sistema perceptivo que lê o ambiente por vibração, calor e odor. As tartarugas, entre água e terra, mantêm pigmentos adaptados à instabilidade da luz, um resquício antigo de linhagens pré-históricas.

Talvez o desconforto diante desses corpos venha daí: daquilo que escapa à nossa gramática perceptiva. A figura do réptil, tantas vezes tomada como signo do primitivo, diabólico ou do abjeto, marca uma fronteira de saber. É nesse limite — onde o olhar humano já não reconhece a si mesmo — que o pensamento sobre o monstro se forma. Não como aberração, mas como índice de outra lógica sensorial, uma que reorganiza a hierarquia do visível e devolve à matéria sua própria capacidade de perceber. Uma percepção que não busca nitidez, mas temperatura. Neste universo de camuflagem gostaria então de começar a pensar sobre um trabalho artístico, o de Cristiano Lenhardt.

A partir de formas geométricas, podemos ver o ponto de impulso, onde se constrói um campo de combinações que se recusa a ser um sistema. Suas figuras são desobedientes. Elas se dobram, se desviam, se contaminam. Cada forma parece conter o instante em que se perde e se refaz, um ponto de fuga em que o desenho deixa de ser cálculo e se torna corpo. É como se as figuras nascessem de um impulso anterior à geometria, um gesto que se cria no movimento, sem buscar estabilidade. São composições que parecem nascer dos desvios das próprias coisas, uma face que se projeta para além da superfície, um reflexo da luz que não conseguimos enxergar.

Há algo de metafísico em seus trabalhos, para além de um sentido de um misticismo abstrato, mas na afirmação de uma presença intensificada, uma comunicação silenciosa entre matéria, energia e respiração. Lenhardt cria uma forma de ver que se desvia do olhar direto, uma visão oblíqua, quase mineral, que atravessa o espaço e o tempo. Em certos momentos, a sensação é a de um diálogo com outras dimensões, planetas distantes, organismos invisíveis, mas também com o que existe aqui, na terra, ao nosso redor, embora raramente percebamos. Essa ambiguidade entre o cósmico e o terreno se manifesta em séries como *EUIEEE* (2025) e *Módulo Inexato* (2025), nos quais o alumínio e a cerâmica tornam-se condutores de frequências, quase antenas, que atravessam matéria e tempo. Há algo de transmissão e escuta nessas superfícies, como se captassem sinais

de mundos simultaneamente internos e distantes. O trabalho, deste modo, se enverga para as coisas que escapam à atenção, o intervalo entre a forma e o que a faz vibrar.

A visão é tratada como imperativo no mundo contemporâneo, em que a imagem ocupa e organiza nossos modos de existir. Lenhardt propõe outro caminho, uma *antivisão*. Ele nos convida a perceber o que se move fora do estado hipnótico, o que vemos o tempo inteiro mas não notamos. Há em suas obras um convite à vertigem. É preciso virar de cabeça para baixo, alterar o ponto de vista, deixar o corpo se desestabilizar para que as formas revelem sua outra lógica.

Essa operação de deslocamento, que é também de pensamento, aparece em todas as linguagens que ele adota: desenho, pintura, vídeo, cerâmica, gravura, instalação. Cada meio é tratado como um campo de experimentação que envolve repetição como num exercício para uma criação alfabética. O fogo, o pigmento, o furo e a dobra são modos de dizer. Em *Brotocartas* (série iniciada em 2017), esse modo de fazer se adensa. A palavra criada pelo artista carrega o impulso de refundar — ou talvez apenas brincar — com o alfabeto, como se o sistema greco-romano, fundamento de nossa escrita ocidental, já não pudesse conter o que vibra entre som e forma. É também um gesto de dessacralização, uma tentativa de devolver à escrita o seu estado de corpo. Há, em sua proposta, o desejo de religar escrita e desenho, evocando os primeiros gestos humanos, quando o traço ainda guardava o rumor do corpo e do ambiente que o produziu.

Aqui, as vogais e consoantes deixam de ser signos fixos. O *AEIOU* e o eco da palavra *OLHO* tornam-se forças plásticas, respirações gráficas que migram para o papel, o tecido, o alumínio e a cerâmica. A escrita se dobra e se desdobra como um chocalho que faz soar o mundo. Ao transformar ruídos, ventos, cantos e murmúrios em estruturas visuais, o artista compõe uma sintaxe própria, movida por escuta. *Brotocartas* revela um pensamento que atravessa som, imagem e matéria, traçando correspondências entre as ordens do sensível. O trabalho ressoa uma linhagem de artistas que tocaram o alfabeto e suas margens — dos experimentos caligráficos e fonéticos às inscrições-desenhos que, até hoje, continuam a perguntar o que pode um traço.

Lenhardt trabalha com a paciência de quem sabe que o gesto se torna conhecimento apenas quando se repete até o erro. Seus trabalhos não derivam de uma obsessão científica, racional ou matemática. A técnica se firma na rasura contínua, na invenção espontânea de um método próprio. É como se, em uma aula de álgebra, fosse pedido para resolver uma expressão numérica e o artista inventasse do seu próprio jeito o resultado da equação, sem se fixar no objetivo da resposta. A equação, para ele, é uma pergunta para um caminho de desvio.

Neste sentido, os desenhos são feitos por respiração, e sua forma se amplia, em suas superfícies e volumes tornando-se campos. E como um ar impuro, contêm contaminação. Cada linha tem a densidade de um fôlego, de uma pausa entre o corpo e o mundo. Ele mesmo escreve:

“Eu consegui abrir um buraco, um duto contaminante, um furo, uma ameaça.
Eu consegui me desestabilizar e agora eu sou assim, perigoso, solto,
inseguro.”

A ideia de desestabilização percorre toda a sua produção, e é justamente nela que repousa a potência do seu gesto. O artista cria a partir da vertigem, da instabilidade como estado de invenção. Suas geometrias são corpos em transformação. O erro, a sujeira, o acidente se tornam matéria de linguagem. Lenhardt desenvolve, assim, um vocabulário próprio em que a linha não demarca, ela revela as camadas de diferenças entre mundos.

No ateliê Mundo Bicho, localizado em meio à Mata Atlântica na região metropolitana do Recife, essa contaminação ganha outra camada. O espaço é uma extensão do próprio trabalho, um organismo vivo em que natureza e artifício coexistem. A umidade, as folhas, os fungos, os insetos e a respiração da floresta se infiltram nos suportes, enquanto a luz dos televisores e dos smartphones atravessa o ambiente. É um lugar onde o natural e o tecnológico se confundem, onde o gesto artesanal convive com a luminosidade intermitente das telas. Lenhardt cria nesse entrelugar, no ponto em que a matéria se torna sinal e o sinal retorna à matéria.

No plano formal, suas obras se aproximam de uma linguagem simbólica que lembra tanto os sistemas de codificação antigos quanto os circuitos contemporâneos de informação. Como ocorre em obras anteriores do artista, como *TV Fiapos* (2014) e *video curvas* (2023), esses movimentos reaparecem na exposição nas telas dos televisores de *Desenho Encampado* (2025). Há nelas um desejo de organizar o caos e, ao mesmo tempo, de sabotá-lo. Suas formas são como circuitos elétricos que, em algum momento, se curvam e se perdem, construindo uma gramática do desvio. Ele transforma o cálculo em intuição, a geometria em corpo, a repetição em respiração.

Essa tensão entre o orgânico e o geométrico, o artesanal e o tecnológico, o racional e o onírico atravessa toda a sua prática. É uma tentativa de comunicar-se fora do verbo — com as matérias silenciosas, as frequências subterrâneas, as forças não visuais. Há em sua obra uma ética do encontro, uma escuta que se manifesta como gesto de criação. Em *Desfazer Para Ser* (2025) — pinturas realizadas com óleo, pastel oleoso, giz de cera e cerâmica esmaltada sobre linho —, mesmo ao lidar com estruturas aparentemente abstratas, o artista faz emergir uma dimensão afetiva, um calor terreno, como se cada traço guardasse o vestígio de uma convivência. Essas pinturas condensam o que há de mais sensível em sua

percepção: o branco atua como uma camada de respiro e de abraço, envolvendo o pastel e o giz, enquanto a cerâmica, disposta no centro, introduz uma presença tátil, quase pulsante, que remete às *brotocartas* — como se a superfície pictórica se abrisse em correspondência entre matéria e gesto.

Cristiano Lenhardt não pinta nem desenha o que vê, mas o que sente circular entre as coisas. O que nele se chama forma é sempre movimento. O que se chama padrão é sempre variação. Suas obras se aproximam da natureza não pela imitação, mas pelo modo como o mundo natural pensa, por acúmulo, contaminação e transmutação. Há nelas uma pedagogia da instabilidade, um aprendizado pelo erro, uma entrega à contaminação.

Talvez por isso suas obras provoquem no espectador uma sensação paradoxal de proximidade e estranhamento. A familiaridade das formas — círculos, retas, dobraduras, tramas — é interrompida por algo que escapa, um desvio que impede o repouso do olhar. Nessa oscilação, o artista reinscreve a geometria em uma temporalidade viva e não linear. O desenho não é fixo, mas está em fluxo constante, como se pudesse crescer, brotar ou se decompor.

Seus trabalhos convidam a um estado de atenção expandida. Não é a visão que organiza o mundo, mas o corpo. O olho, acostumado a dominar, é convocado a reaprender a escutar. Nas obras de Lenhardt, a visão é travessia, ver a paisagem através de *EUIEEE* (2025), sendo relançada a partir da escultura e vice-versa, talvez a visão mais próxima de um réptil. A imagem oferece um malabarismo, que existe fora do tempo da queda, mas que exalta a suspensão que acontece a cada giro.

Como o próprio artista escreve:

“Lembre-se, o tempo é nosso, é humano, deixe-o um pouco de lado, entre no buraco. Enfureça, desmanche, misture-se com a terra e espere a próxima molhada, a próxima junção.”

No fim, sua arte parece habitar o instante anterior à forma, o momento em que o gesto ainda é respiração e o corpo e o mundo ainda não se separam. É nesse espaço instável, entre o cálculo e o erro, entre o chão e o buraco, que Cristiano Lenhardt faz da arte um modo de existir. Suas obras são sementes que brotam no vazio, desenhos que respiram, geometrias vivas que desafiam o olhar a desaprender.

Ariana Nuala